

O pensamento ecológico na poética de Virginia Woolf e Machado de Assis

RESUMO

O presente trabalho intenta tecer uma conexão entre os estudos da ecocrítica e das animalidades e as produções literárias de dois autores altamente reconhecidos no cânone ocidental: Virginia Woolf e Machado de Assis. Apesar de engendradas no século XIX e início do século XX, as obras desses dois autores já antecipavam discussões indispensáveis aos estudos voltados à relação entre os mundos humano e não humano, tão pertinentes no século XXI. Por intermédio do diálogo interdisciplinar, envolvendo áreas como biologia, etologia, filosofia, sociologia e, aqui, literatura, esses estudos buscam uma descontinuidade da suposta superioridade humana frente às outras formas de vida que coexistem com o homem, bem como traçam caminhos possíveis para reverter os danos causados por séculos de desrespeito à natureza. Para a leitura de Woolf, Diana Swanson (2011) e Rebecca Schisler (2012) são os principais nomes evocados para o diálogo entre ecocrítica, ecofeminismo e o olhar da autora diante do mundo mais-que-humano, com sua atenção singular para formas de vida diminutas como caracóis e mariposas ou o jardim vivo protagonista do conto “Kew gardens”. Em Machado de Assis, Nelson Aprobato Filho (2016), Peter Singer (2010) e Maria Esther Maciel (2023) contribuem com a leitura de crônicas e contos machadianos que apresentam questões como o vegetarianismo e a crueldade das touradas, aqui iluminados pelos Estudos Críticos Animais. Assim, este texto busca contribuir com as crescentes leituras de autores consagrados, revistos pelo viés ecológico-ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Ecocrítica. Estudos Críticos Animais. Virginia Woolf. Machado de Assis.

Lucas Durães Fernandes

lucsdraes@gmail.com

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Angela Maria Guida

angelaguida.ufms@gmail.com

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Poema de circunstância

Onde estão os meus verdes?

Os meus azuis?

O Arranha-Céu comeu!

E ainda falam nos mastodontes,
nos brontossauros, nos tiranossauros

Que mais sei eu...

Os verdadeiros monstros, os Papões,
são eles os arranha-céus!

Daqui

Do fundo

Das suas goelas,

Só vemos o céu, estreitamente, através de suas
empinadas gargantas ressecadas

Para que lhes serviu beberem tanta luz?!

Defronte

À janela onde trabalho

Há uma grande árvore...

Mas já estão gestando um monstro de permeio!

Sim, uma grande árvore... Enquanto há verde,

Pastai, pastai, olhos meus...

Uma grande árvore muito verde... Ah,

Todos os meus olhares são de adeus

Como o último olhar de um condenado! (Mario Quintana)

O primeiro homem que se lembrou de criar uma sociedade protetora dos
animais lavrou um grande tento em favor da humanidade. (Machado de Assis)

Os homens não deviam cortar árvores. (Virginia Woolf)

INTRODUÇÃO

Este artigo, pelo menos, a princípio, contempla duas singularidades: os escritores com os quais nos propusemos dialogar não se tornaram conhecidos em suas profícuas carreiras literárias por terem produzido obras que representem questões de ordem ecológico-ambiental e a época em que os dois viveram também não foi marcada por revelar grandes preocupações com os ecossistemas, ou seja, ainda não se discutiam os efeitos das ações humanas sobre o planeta Terra (Antropoceno) ou ecocrítica, feminismo ecológico (ecofeminismo), Animal Studies, no entanto, suas produções engendradas no século XIX (no caso de Machado de Assis) e início do século XX (no caso de Virginia Woolf) já antecipavam importantes discussões referentes ao ecossistema que só vieram a lume em meados do século XX, o que justifica discutir o pensamento ecológico na poética desses dois escritores. Há quem acredite que a literatura e as artes de um modo geral chegam bem antes que as teorias nas grandes questões e talvez seja mesmo isso. No caso de Woolf, para a pesquisadora Diana Swanson seria uma narrativa proto-ecológica, o que também podemos dizer da narrativa de Machado de Assis.

Anachronism is one of the first problems to consider. The most we can argue for Woolf is proto-ecofeminism. "Ecology" was available as a term by 1866, in the work of German biologist Ernst Haeckel. Thus it is roughly contemporary with the largely compatible evolutionary work of Charles Darwin, and was an evolving science in the modernist era. Ecology takes its name from the Greek word for "house," suggesting an ordered, sustaining system in a sheltered space, but also domesticity which poses its own challenge for feminist analysis, and indeed for ecological science with its increased interest in ecological chaos. Proto-ecological narratives are decipherable in both Romantic and Victorian literature, not to mention the work of ancient Greeks themselves¹. (Swanson, 2012a, p. 8)

Apesar de intensificados no século XX e XXI (por razões óbvias), o uso do termo ecologia pensado no sentido humano e não humano, ligado ao mundo natural ganhou impulso no século XIX com os estudos do biólogo britânico Charles Darwin que, mesmo não tendo feito uso direto da palavra ecologia em sua *Origem das espécies*, para alguns estudiosos, o cientista britânico antecipou muito do pensamento ecológico moderno.

[...] Além disso, pode ser considerado [Darwin] o mentor da moderna ecologia, por ter criado os conceitos de 'nicho ecológico' e 'ecossistema', ao afirmar que cada espécie ocupa um lugar determinado (nicho) na "economia da natureza" (ecossistema). Nessa mesma área, Darwin demonstrou a importância fundamental, para o funcionamento dos ecossistemas, de relações como competição, predação e mutualismo entre os seres vivos e interações entre estes e o ambiente. (Rios, 2008, p. 1)

Mas se puxarmos o fio, veremos que o pensamento ecológico, embora não tivesse sido nomeado, já vinha sendo delineado há tempos remotos. Maria do Carmo Mendes diz que na bíblia, no livro de Deuteronômio, já é possível encontrar registros de uma certa ética ambiental e animal, logo, na concepção da pesquisadora, apesar de os estudos ecocríticos terem despontado no final do

século XX, inclusive com o surgimento da primeira disciplina *Literatura e meio ambiente*, nos Estados Unidos, na década de noventa, já se poderia ler o livro de Deuteronômio à luz da ecocrítica:

[...] O Livro do Deuteronômio revela preocupações sobre ética ambiental, tratamento carinhoso de animais domésticos, cuidado com destruição de árvores... ou seja, Deuteronômio, quinto livro da Bíblia insiste nas responsabilidades humanas não apenas para com os restantes habitantes humanos do planeta Terra, mas também para com a natureza animal e vegetal. Neste sentido, o livro pode ser analisado sob o prisma da Ecocrítica, área dos Estudos Literários que se formaria apenas no crepúsculo do século XX. O mesmo pode dizer-se a propósito da advertência de S. João contida no Livro do Apocalipse: “Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores”. (Mendes, 2020, p. 92)

Timothy Morton entende o pensamento ecológico como coexistência. Estamos todos envolvidos, porque ecologia “tem a ver com coexistência” (Morton, 2023, p. 14). O que, em alguma medida, encontra eco no multiespecismo de Donna Haraway e nas comunidades híbridas de Dominique Lestel, uma vez que ambos os pesquisadores, a exemplo de Morton, também acreditam na coexistência das formas de vida, crença essa compartilhada por Virginia Woolf e Machado de Assis quando ambos os escritores dividem o protagonismo dos personagens humanos em suas narrativas com o mundo natural, conforme demonstraremos a seguir.

A ECOESCRITA DE VIRGINIA WOOLF

A escritora Virginia Woolf nasceu na Inglaterra, no século XIX e, no despontar do século XX, vieram a lume seus primeiros escritos e, desde então, nunca mais parou até a década de quarenta quando Woolf entrou nas águas do rio Ouse para de lá nunca mais sair. Woolf se tornou um marco para os estudos de gênero e qualquer pesquisador que se disponha a estudar alteridade feminina não vai muito longe sem fazer menção às contribuições deixadas tanto em sua obra ficcional quanto em sua obra ensaística. Virginia Woolf é uma das escritoras mais estudadas e conhecidas no cenário da literatura mundial no que diz respeito à crítica feminista. Seu pensamento a frente de seu tempo, tanto no cenário ficcional quanto teórico vem conquistando leitores e leitoras há mais de um século. Até um dos grandes ícones do pensamento feminista, Simone de Beauvoir, rendeu-se à leitura de Woolf. “Além dos livros que li com Sartre [...] todos os livros de Virginia Woolf” (Beauvoir, 2017, p. 58).

No entanto, sobretudo no Brasil, é mais recente o olhar para a poética de Virginia Woolf que vislumbra algo para além das questões de gênero, como, por exemplo, a possibilidade de ler sua obra à luz do pensamento ecológico. Em 2010, nos Estados Unidos, aconteceu a vigésima Conferência Anual sobre Virginia Woolf e a temática do encontro foi *Virginia Woolf e o mundo natural*. Desse evento, veio a publicação *Virginia Woolf and the natural world*, obra que tem sido uma referência, desde então, para quem deseja pesquisar essa temática na obra da escritora britânica. Talvez esse tenha sido um dos eventos mais importantes por ter sido um dos primeiros a abordar tal tema, mas de lá para cá, o interesse por essa possibilidade de investigação na obra de Woolf cresce exponencialmente, de modo especial, no que tange ao feminismo ecológico ou ecofeminismo. Como aponta Swanson, leituras da obra de Woolf pela via da ecocrítica e do

ecofeminismo são relativamente recentes, mas são abordagens que estão se revelando um campo fértil. “Ecocriticism and ecofeminism are relatively new theoretical and methodological approaches in Woolf studies but have already proved to be fertile avenues into her work”.² (Swanson, 2012a, p. 1). São reflexões pertinentes, porque quando se olha de maneira mais atenta, está lá... o mundo natural grita na escrita de Woolf. Sua obra está repleta de elementos que possibilitam leituras pela via do pensamento ecológico, abrindo o olhar para formas outras de vida, a ponto de transformar um jardim em protagonista, como acontece no conto “Kew gardens” ou dar voz a um cão para narrar suas memórias, como é o caso de *Flush: uma biografia*. “Ela era uma mulher; ele era um cão. Assim estreitamente unidos, assim imensamente divididos, eles olhavam um para o outro.” (Woolf, 2016, p. 21). Como observa Maciel,

Virginia Woolf reinventou com esse romance o gênero biográfico centrado em vidas não humanas. Nesse sentido, compôs um personagem cuja condição de sujeito animal se manifesta por um viés bastante peculiar, ganhando nuances de complexidade. (Maciel, 2023, p. 109)

No ensaio *A morte da mariposa*, escrito próximo à morte de Woolf e publicado postumamente, a autora descreve uma gradual mudança de percepção frente à luta do inseto pela vida e, ao fim, sua morte. Já no primeiro parágrafo, a mariposa é vista como um ser híbrido, deslocado em sua própria espécie e defeituoso enquanto símbolo:

As mariposas que voam de dia não deveriam ser propriamente chamadas de mariposas; não despertam a agradável sensação de noites escuras de outono e flor de hera que as mais comuns, adormecidas na sombra da cortina, sempre despertam em nós. São criaturas híbridas, nem alegres como as borboletas, nem sombrias como as da sua própria espécie. No entanto, esse espécime aqui presente, de estreitas asas cor de feno com bordas franjadas da mesma cor, parecia satisfeito com a vida. (Woolf, 2021, p. 8, grifo nosso)

A partir da observação dos movimentos da mariposa, atentando voo em uma vidraça, o inseto continua a ser descrito como digno de pena, uma vez que, em sua insignificância, não dispõe das possibilidades grandiosas que o mundo externo proporciona. No entanto, essa percepção se altera ao longo do texto:

Observando-a, era como se tivessem enfiado uma fibra da enorme energia do mundo, finíssima, mas pura, naquele corpo frágil e diminuto. Sempre que ela cruzava a vidraça, eu imaginava que um fio de luz vital se tornava visível. Não era nada, ou quase nada, além de vida. (Woolf, 2021, p. 9).

A existência se revela para a espectadora daquele pequeno espetáculo, provocando, ao mesmo tempo, estranhamento e deslumbramento, fascínio e afeto. Segundo Swanson, o que Virginia Woolf traz em suas produções literárias, mesmo nos ensaios, é um trabalho a partir do não dito, humano ou não:

Critics and common readers have always responded to Woolf's probings and evocations of the ebb and flow of "ordinary human life", of "the things people don't say" [...] Only recently, however, have critics paid much attention to Woolf's attempts to represent the "other side of silence" of the nonhuman world.³ (Swanson, 2012b, p. 53)

A exemplo, quando a mariposa cai no parapeito da janela e a espectadora percebe a morte iminente do inseto, uma luta silenciosa é transcrita; o que não era nada além de vida, agora perecia. Ao mesmo passo em que a observação da mariposa desencadeou o desvelamento da vida, da existência, a morte também se mostrava nua perante os olhos da escritora:

Inútil tentar qualquer coisa. Só se podia observar os esforços extraordinários das perninhas minúsculas contra uma sina que se avizinhava e que poderia, se quisesse, submergir uma cidade inteira, e não apenas uma cidade, mas massas de seres humanos: nada, eu sabia, tinha a menor chance contra a morte. (Woolf, 2021, p. 10)

Mesmo assim, a mariposa tenta se reerguer, sendo ajudada pela escritora que a observava:

[...] uma vez que não havia ninguém para se importar com ele ou testemunhá-lo, aquele esforço descomunal por parte de uma mariposinha insignificante em conservar algo que ninguém mais valorizava ou desejava manter, contra uma força de tal magnitude, era estranhamente comovedor. *Novamente, de algum modo, o que se via era a vida: uma gota pura.* (Woolf, 2021, p. 10, grifo nosso)

Apesar disso, os esforços do inseto não são suficientes: “A luta terminara. A criaturinha insignificante *conhecia* agora a morte.” (Woolf, 2021, p. 10, grifo nosso).

Tecendo uma nova conexão entre o ensaio e os estudos sobre animalidades, a própria atribuição da experiência de morte e luta pela vida à mariposa já representa uma subversão do pensamento filosófico-científico contemporâneo à autora, considerando que, para Heidegger, os animais não morreriam, apenas deixariam de existir, em contraste com a relação dos humanos com a morte. Segundo Diana Aurenque, para Heidegger, animais e plantas apenas feneceriam, dado que a falta de consciência da morte apagaria seu significado existencial ontológico: “O *Dasein* possui desde seu viver cotidiano uma espécie de consciência da finitude, um estar voltado para a morte. Esta consciência da finitude não é possível estabelecer ou constatar no caso do animal ou das plantas.” (Aurenque, 2016, p. 115).

Além disso, o que Woolf faz é a transcrição desse silêncio do mundo não humano, como menciona Swanson (2012b). A morte de um inseto indesejado, situação comum e facilmente ignorada, evoca reflexões sobre a natureza da finitude em sua complexidade. A mariposa luta ativamente pela vida, mas “conhece” seu fim. O conhecer é consciente: a mariposa não fenece, ela conhece a morte. Ao fim, a escritora enxerga a mariposa diurna com um olhar diferente daquele que demonstrava no início, enquanto a criatura híbrida encara a derrota com dignidade: “A mariposa, agora aprumada, jazia serena com grande decência e sem se queixar. Ah sim, parecia dizer, a morte é mais forte do que eu.” (Woolf, 2021, p. 10-11).

No conto “*Kew Gardens*”, Woolf nos convida a olhar para além do humano, uma vez que boa parte da narrativa são as outras formas de vida que aguçam o olhar de nós leitores. É digno de nota que ao nos “apresentar” o jardim com seus moradores e transeuntes, Woolf abre a cena para as pessoas somente após nos ter colocado em contato primeiro com os “seres desimportantes”, para lembrar Manoel de Barros, isto é, flores, folhas, árvores, cores, pequenos seres que se

arrastam pelo chão, como é o caso do caracol que faz lentamente sua travessia pelo jardim.

Do canteiro de flores em forma oval erguia-se talvez uma centena de talos que no meio da ascensão se alargavam em folhas em forma de coração ou de língua e se desfraldavam na ponta em pétalas vermelhas ou azuis ou amarelas com manchas de outra cor a marcá-las na superfície; e da obscuridade do colo, vermelha, azul ou amarela, emergia uma haste reta, coberta de pó dourado e ligeiramente rombuda na ponta. As pétalas eram suficientemente volumosas para serem sopradas pela brisa do verão e, quando se moviam, as luzes vermelhas, azuis e amarelas passavam umas sobre as outras, lançando em dois dedos da terra escura por baixo uma pequena mancha de coloração intrincada. Ou bem a luz caía no dorso liso e acinzentado de uma pedrinha, ou bem nas costas de um caracol, sobre sua concha de veios pardos circulares, ou ainda, caindo numa gota de chuva, expandia com tal intensidade de vermelho, azul e amarelo as paredes finas da água, que se esperava que fossem rebentar e sumir.

[...]

A brisa então soprou ligeiramente mais forte e a cor, sendo esbatida para cima, desapareceu pelo ar, pelos olhos dos homens e mulheres que andavam em julho por Kew Gardens. (Woolf, 2015, p. 18)

Woolf não nos fornece maiores detalhes acerca dos humanos que frequentam o jardim, pois são as outras formas de vida que protagonizam a narrativa, corroborando o que Swanson observa acerca da escrita de Woolf - “Woolf’s texts ask us to recognize and pay attention to other-than-human beings as our fellow inhabitants of this earth and to imagine their subjectivities and purposes; her texts ask us to recast our understanding of ourselves as a species that is equally part of the ecological world.”⁴ (2011, p. 46). Ao lado de outros “seres desimportantes”, é o caracol quem conduz a narrativa em seu ritmo/passo lento para atravessar o jardim e chegar ao seu destino. O caracol possui agência, conforme argumenta Swanson:

In this sense of the term—as beings that have independent value, as beings who are ends in themselves not just means to our human ends, and as beings that originate their own actions and purposes—other living beings, from snails to birds to dogs, even to bacteria, do have agency. In “Kew Gardens,” Woolf writes of all living beings as indeed having agency that we can and should respect⁵. (Swanson, 2011, p. 44)

O caracol a essa altura já havia considerado todas as possíveis maneiras de atingir seu objetivo sem contornar a folha seca nem subir por cima dela. Além do esforço necessário para escalar uma folha, restava-lhe a dúvida se a fina textura que vibrava com estalidos tão alarmantes, quando tocadas só pela ponta de seus chifres, aguentaria seu peso; por isso ele decidiu finalmente se arrastar por baixo dela, pois havia um ponto em que a folha se arqueava bem acima do solo para admiti-lo. Tinha acabado de enfiar a cabeça na abertura e já se estava acostumando, enquanto considerava a altura do telhado, à luz terrosa e fresca que através dele se filtrava, quando vieram duas outras pessoas passando no gramado lá fora. (Woolf, 2015, p. 21)

Na leitura de Rebecca Schisler, professora da Universidade de Saint Louis, Virginia Woolf desenvolve em sua obra uma teoria da violência pautada no mundo natural, isto é, os humanos se dão conta da violência e a praticam pela primeira vez no ambiente natural. Pássaros, caranguejos, borboletas são as primeiras

vítimas dos meninos, que nesses rituais de violência contra o mundo natural estão, de certa forma, numa espécie de preparo para a guerra.

In Woolf's work, young boys repeatedly encounter death or decay in nature and then later become the agents of death or violence themselves. Birds, crabs, and butterflies become their prey. If her consistent depiction of these actions qualifies them as "material rituals" then nature is the material reality—the staging ground—for violent subject formation⁶. (Schisler, 2012, p. 18)

Schisler (2012) argumenta que em *Três guinéus*, por exemplo, há uma relação direta entre o exercício da caça e o preparo para a guerra e, por conseguinte, a questão do gênero, o que autoriza a pertinência da leitura por uma das vias do ecofeminismo, que faz uma associação entre opressão e violência sofrida pelas mulheres e natureza por mãos masculinas.

Os ecofeministas veem a dominação patriarcal de mulheres por homens como o protótipo de todas as formas de dominação e exploração: hierárquica, militarista, capitalista e industrialista. Eles mostram que a exploração da natureza, em particular, tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza através dos séculos. Essa antiga associação entre mulher e natureza liga a história das mulheres com a história do meio ambiente, e é a fonte de um parentesco natural entre feminismo e ecologia. (Capra, 1996, p. 27)

The number of animals killed in England for sport during the past century must be beyond computation. 1,212 head of game is given as the average for a day's shooting at Chatsworth in 1909. (*Men, Women, and Things*, by the Duke of Portland, p. 251) Little mention is made in sporting memoirs of women guns; and their appearance in the hunting field was the cause of much caustic comment⁷. (173) (Schisler, 2012, p. 19)

Virginia Woolf, ainda que em muitos momentos de sua produção possa induzir a uma leitura intimista, em nada lembra um intimismo no sentido egóico, uma vez que revela um olhar atento às alteridades e, para aquilo que nos interessa aqui, alteridades não humanas. Pássaros, árvores, flores, caracóis e tantas formas outras de vida que compõem o mundo natural não são meros adornos em sua obra, mas se constituem como relevantes possibilidades de reflexão, como a relação entre a caça e a guerra. Conforme bem observou Swanson (2012a), o pensamento ecológico ainda é um caminho fértil a ser germinado na vasta produção de Woolf que há exatamente um século, pela voz de Mrs. Dalloway já nos advertia acerca do risco de cortar árvores...

MACHADO DE ASSIS E O PROTAGONISMO ANIMAL

Machado de Assis se tornou célebre por ter conseguido tão bem traduzir a alma humana com suas eternas contradições como bem nos diz o narrador do conto "A igreja do diabo": "— As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana". (Assis, 2019, p. 452). Há mais de um século, o autor de *Dom Casmurro* tem sido um intérprete do humano, bem como da época em que viveu e essas faces da sua vasta produção vêm sendo pesquisadas, no entanto, em estudos mais recentes um outro Machado surge diante de nós leitores: o Machado dos animais⁸. Tanto nos romances como nos contos ou nas crônicas eles estão presentes. Em

estudo feito, o pesquisador Nelson Aprobato Filho apontou mais de mil e trezentas passagens ligadas diretamente ao mundo dos animais. “Os registros machadianos sobre animais permitem pensar, entre inúmeras outras possibilidades investigativas, a questão mais ampla do meio ambiente no Rio de Janeiro” (Filho Aprobato, 2016, p. 73). O escritor-tradutor da alma humana também abriu a escuta aos animais com narrativas em que há o protagonismo animal em detrimento de uma mera representação depreciativa do vivente não humano. Em *Quincas Borba*, por exemplo, personagem canino e personagem humano possuem o mesmo nome, evidenciando um completo entrelaçamento entre cão e tutor. Acerca dessa narrativa, Maria Esther Maciel observa que:

Num século em que o racionalismo cientificista se impunha como a principal das diretrizes do pensamento do tempo, legitimando um conceito de humano e de humanismo a partir de uma instrumentalização da animalidade, Machado de Assis mina as demarcações entre razão e loucura, homem e animal, numa evidente crítica ao humanismo cientificista e às dicotomias do pensamento antropocêntrico. (Maciel, 2023, p. 78)

Aprobato Filho lembra que Machado de Assis, por meio de suas crônicas publicadas nos jornais da época, bem como em suas outras narrativas, foi um grande observador das alterações tecnológicas que o Rio de Janeiro sofreu no século XIX em nome do progresso e, por conseguinte, as implicações no cenário natural da cidade.

Machado de Assis pode ser considerado como um dos grandes intérpretes e críticos brasileiros que refletiu, entre inúmeras outras questões, sobre os impactos, no país, das descobertas científico-tecnológicas vindas da Europa e Estados Unidos. Sobre esses impactos, há várias referências em sua obra, e muitas delas têm relações diretas ou indiretas com a natureza do Rio de Janeiro. Em dezembro de 1879, por exemplo, ele publicou no respeitado periódico chamado *Revista Brasileira* o famoso e polêmico ensaio intitulado “A nova geração”. (Filho Aprobato, 2016, p. 72)

No ensaio em questão, Machado critica o entusiasmo diante das inovações científicas e sugere cautela diante das novidades, além de leituras mais profundas de nomes que ele considerava autoridades quando se tratava de ciência, como Darwin e Spencer. “Nisto o melhor exemplo são os luminares da ciência: releiam os moços o seu Spencer e seu Darwin”. (Assis, 1959, p. 185). Por falar em ciência, o bruxo do Cosme Velho também antecipa em suas obras um ponto importante no que diz respeito à animalidade ao cogitar a possibilidade de consciência de um burro. Estamos falando da senciência, questão cara aos *Animal studies*, que é o vislumbre de algum grau de consciência em animais não humanos. Aos escrever narrativas como “Reflexões de um burro”, “Direito dos burros” em que discute a questão do direito animal ao conferir voz ao animal, a fim de que ele mesmo possa reivindicar seu bem-estar e pôr fim às injustiças e maus-tratos que são cometidos contra o vivente não humano ou “Ideias do canário”, em certa medida, Machado, no século XIX, antecipa a Declaração de Cambridge, que em 2012, vem a público para reconhecer o que Machado já antevia:

Nós declaramos o seguinte: “A ausência de um neocórtex não parece impedir que um organismo experimente estados afetivos. Evidências convergentes indicam que animais não humanos têm os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos de estados de consciência juntamente como a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são os

únicos a possuir os substratos neurológicos que geram a consciência. Animais não humanos, incluindo todos os mamíferos e as aves, e muitas outras criaturas, incluindo polvos, também possuem esses substratos neurológicos". (2012, p. 1)

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: *por pensar morreu um burro* mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvida que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. (Assis, 1998, p. 109)

— Ah! meu nobre amigo! Eu e os meus pedimos essa diferença, por maior que seja. Condenem a um mês ou a um ano os que tirem ovos ou dormirem na rua; mas condenem a cinquenta ou cem mil réis aqueles que nos maltratam por qualquer modo, ou não nos dando comida suficiente, ou, ao contrário, dando-nos excessiva pancada.

[...]

Quem é pobre não tem vícios. Não exijo cadeia para os nossos opressores, mas uma pequena multa e custas, creio que serão eficazes. O burro ama só a pele; o homem ama a pele e a bolsa. Dê-se-lhe na bolsa; talvez a nossa pele padeça menos.

— Farei o que puder; mas...

— Mas quê? O senhor afinal é da espécie humana, há de defender os seus. Ela, fale aos amigos da imprensa; ponha-se à frente de um grande movimento popular.

Foram os homens que descobriram que nós éramos seus tios, senão diretos, por afinidade. Pois, meu caro sobrinho, é tempo de reconstituir a família. Não nos abandone, como no tempo em que os burros eram parceiros dos escravos. Faça o nosso *treze de Maio*. Lincoln dos teus maiores, segundo o evangelho de Darwin, expede a proclamação da nossa liberdade!

Não se imagina a eloquência destas últimas palavras. Cheio de entusiasmo, prometi, pelo céu e pela terra, que faria tudo. Perguntei-lhe se lia o português com facilidade; e, respondendo-me que sim, disse-lhe que procurasse a *Gazeta* de hoje. Agradeceu-me com voz lacrimosa, fez um gesto de orelhas, e saiu do jardim vagarosamente, cai aqui, cai acolá. (Assis, 1998, p. 75)

O pesquisador Victor Andrade de Melo (2013) destaca que as touradas tiveram seu início no Rio de Janeiro em meados do século XVII, mas o auge se deu no século XIX, sobretudo entre o período de 1808-1821 com a instalação da família real na cidade. As touradas compunham o calendário de festividades e celebrações da monarquia portuguesa. Após a independência do Brasil, por um tempo, cessaram-se as corridas de boi, mas em meados do século XIX, essa prática voltou

a acontecer não mais nos moldes dos colonizadores, mas com adaptações à nova realidade do país e foi vista como um negócio, um empreendimento comercial.

Elas somente seriam de novo oferecidas por um curto momento, entre 1840 e 1841, e numa temporada mais longa, entre 1847 e 1852. Nessas ocasiões, a forma de organização já era bastante distinta: não se tratava mais do modelo estatal (isso é, patrocinado por agências governamentais, típico do período colonial), mas sim de um modelo comercial, custeado por empresários, que dependiam do afluxo de público para sua manutenção. Na transição dos anos 1840-1850, as touradas se inseriam numa cidade que passava por profundas mudanças, ligadas a uma melhor organização de sua infraestrutura e ao delineamento de um comércio de entretenimentos, relacionados a uma sensível valorização da vida pública.

[...]

A mesma dinâmica social que gestou as condições para que as touradas se estruturassem como um empreendimento comercial também acabou por colocar em xeque sua adequação. Se a proposta era “civilizar” os costumes, como aceitar um espetáculo tão “bárbaro”? Poucos não foram os debates e conflitos que cercaram a prática. Ao final, não mais foram concedidas licenças, e um novo interregno se estabeleceu na promoção das corridas de touros que tanto encantavam um setor da população. (Melo, 2013, p. 164)

Não foi difícil o surgimento dos primeiros conflitos e os jornais da época retratavam as discussões acerca da permissão ou não das touradas como meio de divertimento. Mesmo diante de tantas opiniões contrárias à prática, as touradas aconteciam e atraíam grande público. Houve até a criação de um clube para os apreciadores do cruento espetáculo, Clube Tauromáquico, mas não sem a oposição de uma parte da população, que via nesse tipo de divertimento um ato de barbárie e crueldade. Entre idas e vindas de permissões para o funcionamento das touradas, ataques por parte dos jornais a quem defendia e a quem se opunha, associação das touradas a causas beneficentes (uma renda do “espetáculo” foi destinada à Confederação dos Abolicionistas e outra ao Liceu literário português), em 1908, ano da morte de Machado de Assis, foi decretado o fim definitivo de tão cruel forma de divertimento para alguns e manifestação cultural para outros.

Machado de Assis foi um dos que se opuseram à prática das touradas comuns no século XIX e deixou manifesto seu descontentamento em vários escritos, sendo a crônica “Touradas”, de 1877, o mais robusto dos manifestos. Sai na defesa do bem-estar do boi, é solidário ao sofrimento que é imposto ao ruminante em nome do divertimento humano. Isso fica sinalizado inclusive na carga semântica da seleção do verbo usado para demarcar sua posição em relação às touradas – detesto. Dizer simplesmente que não gostava era pouco diante da aversão que Machado tinha pelas touradas. Ele as detestava.

E querem saber porque *detesto* as touradas? Pensam que é por causa do homem? Ixe! É por causa do boi, unicamente do boi. Eu sou sócio (sentimentalmente falando) de todas as sociedades protetoras dos animais. O primeiro homem que se lembrou de criar uma sociedade protetora dos animais lavrou um grande tento em favor da humanidade. (Assis, 1998, p. 18, grifo nosso).

Não há registros de qualquer associação protetora dos animais no Brasil anterior ao século 20, portanto, é provável que seja em virtude dessa lacuna que Machado de Assis se declare “sócio sentimental” de todas as sociedades protetoras dos animais. Até porque já havia sociedades dessa natureza em outros países, como na Inglaterra, por exemplo – a *Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals*, que surgiu em 1824, segundo dados do site Raposa herbívora. Já que Machado de Assis não podia se associar efetivamente a um órgão de proteção aos animais, ele o fez sentimentalmente.

Como apontado por Victor Andrade de Melo, para tentar amenizar as críticas às touradas tornou-se prática comum associá-las a alguma causa beneficente, parte das “estratégias utilizadas para responder as críticas à inadequação das touradas.[...] a realização de duas corridas anuais, uma delas de caráter beneficente” (Melo, 2013, p. 182), o que para Machado de Assis só fez piorar, pois viu nessa associação entre touradas e caridade nada mais do que um grande gesto de hipocrisia e incoerência.

Touradas e caridade pareciam se duas coisas pouco compatíveis. Pois não o foram esta semana última, fez-se uma corrida de touros com o fim de beneficiar necessitados. O pessoal era de amadores, uns já peritos; outros novos; mas lardos todos, e moços de fino trato. A concorrência, se não foi extraordinária, foi assim bastante numerosa. (Assis, 1998, p. 19).

O conto “A Causa Secreta”, publicado originalmente em 1885, também pode ser lido pela ótica de questões indispensáveis aos Estudos Críticos Animais. *In media res*, a narrativa se inicia com um momento de desconforto protagonizado por Garcia, Fortunato e Maria Luísa, e é tecido de maneira que revela lentamente os acontecimentos que causaram o silencioso constrangimento inicial. Segundo Silvano Santiago, “Os dois primeiros parágrafos do conto apresentam o silêncio e o segredo como motivação e causa para o relato póstumo. Para torná-los compreensíveis, o narrador se dá conta de que é ‘preciso remontar à origem da situação’”. (Santiago, 2008, p. 31). Adiantando os eventos narrados, a tortura de um rato é revelada como a razão secreta para a situação.

A tortura, descrita detalhadamente, resulta na morte do animal pelas mãos de Fortunato. A personalidade sádica e ambígua da personagem é construída aos poucos, desde a agressão de cães abandonados até a tortura de animais, mascarada como estudo de anatomia:

[Fortunato] ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. [...] Fortunato metera-se a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animais atordoavam os doentes, mudou o laboratório para casa, e a mulher, complexão nervosa, teve de os sofrer. (Assis, 2019, p. 608, 612).

Por fim, os eventos culminam na fatídica tortura do rato. Assim se dá a reação de Garcia ao presenciar o ato e assistir à lenta e dolorosa morte do animal:

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. (Assis, 2019, p. 614).

De certa maneira, podemos articular a narrativa machadiana com a visão de Gabriel Giorgi (2011) acerca da morte animal como ação afirmativa para a soberania humana: “A morte animal emerge, assim, como um mecanismo essencial, constitutivo de definir, de certo modo, o humano como hierarquia normativa e como superioridade ontológica [...]” (Giorgi, 2011, p. 201). As ações de Fortunato plasam, no texto literário, o domínio humano sobre formas de vida que, vetadas à categoria de pessoa, não têm propriedade sobre os próprios corpos, logo, não têm domínio sobre vida e morte. Viventes “objetualizados”, não humanos tornam-se sacrificáveis:

A lógica sacrificial – ou melhor, tanatopolítica – do discurso da espécie, então, não remete apenas à morte efetiva do corpo animal, mas também a uma definição e uma especificação acerca de distintos modos de morrer, distintos processos e experiências de morte e distintos modos de inscrever ou morrer no viver. (Giorgi, 2011, p. 201)

No conto, Fortunato, proprietário de uma casa de saúde, externaliza sua personalidade perversa exercendo o domínio sobre essas vidas inferiorizadas. É por intermédio das demonstrações pontuais de violência contra o “menos-que-humano” que o sadismo da personagem é, aos poucos, construído na narrativa.

Escrita por volta de 1893, a crônica “Carnívoros e vegetarianos” apresenta como tema uma greve dos açougueiros no Rio de Janeiro, motivo que leva o narrador a vislumbrar na greve uma oportunidade para mudar os próprios hábitos, bem como da cidade toda. “[...] Devíamos aproveitar a ocasião e adotar o são e fecundo princípio vegetariano. [...] Ervas, ervas santas, puras, em que não há sangue, todas as variedades das plantas, que não berram nem esperneiam, quando lhes tiram a vida. (Assis, 1998, p. 28) O narrador se diz carnívoro por educação e vegetariano por princípio, uma vez que criado na cultura da carne se habituou a fazer uso desse tipo de alimento e revela sua incapacidade de se desprender desse costume alimentar, um costume atenuado pela arte do cozinheiro de disfarçar a crueldade da morte animal. Machado de Assis, no século XIX, uma vez mais, já antecipava uma das reflexões postuladas por Peter Singer em *Libertação animal* quase um século depois. Para o pesquisador dos *Animal studies*, o pedaço de carne embrulhado no plástico ou o bife no prato faz esquecer que a gente come um pedaço de animal.

Não sei se sabem que eu era carnívoro por educação e vegetariano por princípio. Criaram-me a carne, mais carne, ainda carne, sempre carne. Quando cheguei ao uso da razão e organizei o meu código de princípio, incluí nele o vegetarianismo; mas era tarde para a execução. Fiquei carnívoro.

[...]

Certo, a arte disfarça a hediondez da matéria. O cozinheiro corrige o talho. Pelo que respeita ao boi, a ausência do vulto inteiro faz esquecer que a gente come um pedaço de animal. Não importa, o homem é carnívoro” (Assis, 1998, p. 28).

A compra de comida numa loja ou restaurante é o culminar de um longo processo, do qual tudo, com exceção do produto final, é delicadamente afastado da nossa vista. Compramos a nossa carne em embalagens de plástico limpas. Quase não sangra. Não há razão para associar esta embalagem ao animal vivo, que respira, caminha e sofre. As próprias designações que lhe atribuímos escondem este fato: comemos bifes, por exemplo, e não bois. (Singer, 2010, p. 76)

Em “Carnívoros e vegetarianos” a defesa do narrador pelo vegetarianismo chega a tal ponto que desenvolve uma teoria de que os vegetarianos teriam maior compromisso com a ética (entre outros valores) em detrimento dos carnívoros.

Mas, quando li que, de envolta com ela, entraram alguns homens, não para despejar a casa, mas para despejar as algibeiras dos que despejavam a casa, reconheci também aí o sinal do carnívoro. [...] Porque o vegetariano não cobiça as causas alheias; mal chega a amar as próprias [...] *Se não pratica o furto, é claro que o vegetariano detesta a fraude e não conhece a vaidade* (Assis, 1998, p. 30, grifo nosso)

Exageros à parte na teoria desenvolvida pelo narrador de “Carnívoros e vegetarianos”, o que nos interessa é evidenciar o quanto Machado de Assis antecipou em sua obra questões tão importantes no que diz respeito ao pensamento ecológico e ao bem-estar animal discutidas só um século depois. Questões essas que só muito recentemente, como no caso de Virginia Woolf, têm sido trazidas a lume. Ainda é digno de nota uma carta na qual o escritor teria dado voz a um gatinho preto recém-adotado por ele, a fim de agradecer o gesto da adoção. Em “Carta do gatinho preto”, o animal escreve à antiga tutora, uma menina de nome Alba, e a agradece pela nova moradia.

D. Alba,
Só agora posso pegar na pena e escrever-lhe para agradecer o obséquio que me fez dando-me de presente ao velho amigo Machado. No primeiro dia não pude conhecer bem este cavalheiro; ele buscava-me com palavrinhas doces e estalinhos, mas eu fugia-lhe com medo e metia-me pelos cantos ou embaixo dos aparadores. No segundo dia já me aproximava, mas ainda cauteloso. Agora corro para ele sem receio, trepo-lhe aos joelhos e às costas, ele coça-me, diz-me graças, e, se não mia como eu, é porque lhe custa, mas espero que chegue até lá. (Assis, 2021, p. 77)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Virginia Woolf e Machado de Assis não viveram para ver os índices assustadores de degradação ao ecossistema, seja na fauna ou na flora, entretanto suas obras anteciparam muito do que tem sido discutido acerca das relações do humano com outras formas de vida. Há muito mais de um século, os dois autores colocaram em prática o pensamento ecológico preconizado por Timothy Morton ou a ideia de multiespecismo defendida por Donna Haraway (2023), uma vez que ambos conferem em suas obras protagonismo a formas outras de vida que vão além da humana. Como argumenta Swanson (2011), a obra de Virginia Woolf nos convoca para prestar atenção, olhar de forma atenta para outros viventes não humanos que são nossos companheiros de Planeta. De igual maneira, a obra de Machado de Assis também nos faz semelhante convite, porque ambos os escritores são capazes de deslocar o humano de todo seu complexo de referencialismo como nos foi possível observar pelos exemplos arrolados aqui e praticam o pensamento ecológico, porque a “ecologia abarca todas as maneiras pelas quais imaginamos como vivermos juntos. A ecologia é profundamente ligada à coexistência. Existência é sempre coexistência” (Morton, 2023, p.16).

The ecological thinking in Virginia Woolf's and Machado de Assis' poetics

ABSTRACT

This work aims to establish a connection between studies of ecocriticism and animalities and the literary productions of two highly recognized authors in the Western canon: Virginia Woolf and Machado de Assis. Although written in the 19th and early 20th centuries, the works of these two authors already anticipated discussions that are indispensable to studies focused on the relationship between the human and non-human worlds, pertinent in the 21st century. Through interdisciplinary dialogue, involving areas such as biology, ethology, philosophy, sociology and, here, literature, these studies seek to discontinue the supposed human superiority over other forms of life that coexist with man, as well as outline possible paths to reverse the damage caused by centuries of disrespect for nature. In our reading of Woolf, Diana Swanson (2011) and Rebecca Schisler (2012) are the major names evoked for the dialogue between ecocriticism, ecofeminism and the author's perspective on the more-than-human world, with her singular attention to small forms of life such as snails and moths or the living garden that is the protagonist of the short story "Kew Gardens". In Machado de Assis, Nelson Aprobato Filho (2016), Peter Singer (2010) and Maria Esther Maciel (2023) contribute to our reading of Machado's chronicles and short stories that present subjects such as vegetarianism and the cruelty of bullfighting, here illuminated by Animal Studies. Thus, this text seeks to contribute to the growing readings of renowned authors, reviewed from an ecological-environmental perspective.

KEYWORDS: Ecocriticism. Animal Studies. Virginia Woolf. Machado de Assis.

NOTAS

1 - O anacronismo é um dos primeiros problemas a considerar. O máximo que podemos argumentar a favor de Woolf é o proto-ecofeminismo. O termo “Ecologia” estava disponível em 1866, no trabalho do biólogo alemão Ernst Haeckel. Portanto, é aproximadamente contemporâneo ao trabalho evolucionário amplamente compatível de Charles Darwin e foi uma ciência em evolução na era modernista. O nome Ecologia vem da palavra grega “casa”, sugerindo um sistema ordenado e sustentável em um espaço protegido, mas também domesticidade que representa seu próprio desafio para a análise feminista e, de fato, para a ciência ecológica com seu interesse crescente no caos ecológico. As narrativas protoecológicas são decifráveis tanto na literatura da era romântica quanto na era vitoriana, sem mencionar o trabalho dos próprios gregos antigos.

2 - “A ecocrítica e o ecofeminismo são abordagens teóricas e metodológicas relativamente novas nos estudos de Woolf, mas já demonstraram ser caminhos férteis para seu trabalho”.

3 - Críticos e leitores comuns sempre reagiram às investigações e evocações de Woolf sobre o fluxo e refluxo da “vida humana comum”, das “coisas que as pessoas não dizem” [...] Apenas recentemente, no entanto, os críticos passaram a prestar atenção às tentativas de Woolf de representar o “outro lado do silêncio” do mundo não humano.

4 - Os trabalhos de Woolf nos pedem para reconhecer e estarmos atentos a seres não humanos como nossos companheiros habitantes deste Planeta e imaginar suas subjetividades e propósitos; seus textos nos convocam para reformular nossa compreensão de nós mesmos como uma espécie que é igualmente integrante do mundo ecológico.

5 - Neste sentido do termo — como seres que têm valor independente, como seres que são fins em si mesmos, não apenas meios para nossos fins humanos, e como seres que originam suas próprias ações e propósitos — outros seres vivos, de caracóis a pássaros, cães, até mesmo bactérias, possuem agência. Em “Kew Gardens”, Woolf escreve sobre todos os seres vivos como tendo agência e por isso podemos e devemos respeitar.

6 - Na obra de Woolf, meninos jovens repetidamente encontram a morte ou a decadência na natureza e depois se tornam eles próprios agentes da morte ou da violência. Pássaros, caranguejos e borboletas se tornam suas presas. Se sua representação consistente dessas ações as qualifica como “rituais materiais”, então a natureza é a realidade material — o campo de preparação — para a formação de sujeitos violentos.

7 - O número de animais mortos na Inglaterra, por esporte, durante o século passado deve estar além da computação. 1.212 cabeças de caça são dadas como a média para um dia de caça em Chatsworth em 1909. (Homens, Mulheres e Coisas, pelo Duque de Portland, p. 251) Pouca menção é feita em memórias esportivas de mulheres com armas de fogo; e sua aparição no campo de caça foi a causa de muitos comentários cáusticos.

8 - As crônicas de Machado de Assis publicadas nos periódicos da época não foram nomeadas. Havia apenas a referência ao dia da semana. No entanto, posteriormente houve algumas publicações que seus editores, a julgar pelo teor das crônicas, acabaram por nomeá-las, como é o caso de Touradas, Reflexões de um burro, etc. Neste artigo, estamos nos valendo de uma dessas edições.

REFERÊNCIAS

APROBATO FILHO, Nelson. Animais, natureza e tecnologia no Rio de Janeiro de Machado de Assis. *Urbana- Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade*, v. 8, p. 70-94, 2016.

ASSIS, Machado. Carta do gatinho preto. In: *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 7, p. 77-78, jan.-jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/33487>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ASSIS, Machado. *Todos os contos*. Vol I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ASSIS, Machado. Carnívoros e Vegetarianos. In: *Fuga do hospício*. São Paulo: Ática, 1998.

ASSIS, Machado. Reflexões de um Burro. In: *Fuga do hospício*. São Paulo: Ática, 1998.

ASSIS, Machado. Touradas. In: *Fuga do hospício*. São Paulo: Ática, 1998.

ASSIS, Machado de. A nova geração. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *Obra completa Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959. p. 823-849.

AURENQUE, Diana. O animal não é coisa: sobre a ambiguidade do animal na analítica existencial do *Dasein*. In: OLIVEIRA, Jelson (org.). *Filosofia animal: humano, animal, animalidade*. Curitiba: PUCPress, 2016.

BEAUVOIR, S. de. *A força da idade*. v. 1. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton Roberval Einchemberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

DECLARAÇÃO DE CAMBRIDGE. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/172-noticias-2012/511936-declaracao-de-cambridge-sobre-a-consciencia-em-animais-humanos-e-nao-humanos>. Acesso em: 31 mar. 2025.

GIORGI, Gabriel. A vida imprópria. Histórias de matadouros. In: MACIEL, Maria Esther (org.). *Pensar/escrever o animal: Ensaio de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011, p. 199-220.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no chtuluceno*. São Paulo: N-1 edições, 2023.

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Instante, 2023.

MELO, Victor Andrade de. *Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884)*. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/Kf338QGBbxfkdJmLfC6zzck/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2025.

MENDES, Maria do Carmo. No princípio era a natureza: percursos da ecocrítica. *Antropocena: Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*. 2020. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocena/article/view/3100>. Acesso em: 31 mar. 2025.

MORTON, Timothy. *O Pensamento ecológico*. Trad. Renato Prelorenzou. São Paulo: editora Quina, 2023.

RIOS, Ricardo Iglesias. *Darwin: muito famoso e pouco lido*. 2008. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/darwin-muito-famoso-e-pouco-lido/#>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SANTIAGO, Silviano. Solidariedade do aborrecimento humano. In: FANTINI, Marli (org.). *Crônicas da antiga corte: literatura e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SWANSON, Diana L. The Real World: Virginia Woolf and Ecofeminism. In: CZARNECKI, Kristin; ROHMAN, Carrie. *Virginia Woolf and The Natural World*. Clemson: Clemson University Digital Press, 2011.

SWANSON, Diana. *Virginia Woolf and Critical Uses of Ecofeminism*. 2012a. Disponível em: https://virginiawoolfmiscellany.wordpress.com/wpcontent/uploads/2013/09/vw_m81spring2012.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

SWANSON, Diana L. Woolf's Copernican Shift: Nonhuman Nature in Virginia Woolf's Short Fiction. *Woolf Studies Annual*, vol. 18, p. 53–74, 2012b.

SCHISLER, Rebecca. *Toward a Theory of Violence: Nature, Ideology, and Subject Formation in Virginia Woolf*. 2012. Disponível em: <https://virginiawoolfmiscellany.wordpress.com/wpcontent/uploads/2013/09/vwm81spring2012.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SINGER, Peter. *Libertação animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelo direito dos animais*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WOOLF, Virginia. *A Marca na parede e outros contos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

WOOLF, Virginia. *A morte da mariposa*. São Paulo: Editora Nós, 2021.

WOOLF, Virginia. *Flush: uma biografia*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Recebido: 26 abri. 2025

Aprovado: 2 nov. 2025

DOI: 10.3895/rl.v27n50.20179

Como citar: FERNANDES, L.D.; GUIDA, A.M. O pensamento ecológico na poética de Virginia Woolf e Machado de Assis. R. Letras, Curitiba, v. 27, n. 50, p. 76-95, jan./jul. 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

